

## UMA QUESTÃO DE POSSEIROS

Sandra Lyon

Solte os cães, mulher.

Sim, os homens vieram apurar uma questão de posseiros. Chegaram na noite, fardados ou não, montados num jipe que surgiu varando a escuridão com um farol só. O sono ainda estaria rondando aquelas estradas se o jipe não tivesse roncado, se não parasse próximo à casa com duas buzinas. Então, com isso, o posseiro, sem nenhum riso, e confirmando o presentimento de suas vigílias, afundou a mão na caixa de ferramentas e, de lá, retirou uma cartucheira. Decidido, avisou: que venham!

Veja, naquela casa parece ser um homem espiando na janela. Não está vendo uma espingarda na mão dele? Tenho medo desses que não fazem questão de mostrar que estão armados — que são esses que atiram. Cuidado. Uma espingarda é coisa fácil de estourar, companheiro.

Saia da janela, homem de Deus!

A mulher gritou enquanto agasalhava as crianças e abafou o choro delas com ameaças. Ali, não se acendia nem candeeiro ou lamparina até que o sol viesse comandar a situação. Porque na escuridão os olhos não se viam, e homem nenhum aventuraria ser perdedor ou ganhador de posse de terra alguma sabendo-se lá quantas bocas de fogo estariam esperando com raiva, prontas para disparar.

Não escutaram um barulho? Parecem passos, pés que se afastam. No começo foi como madeira rangendo, depois é como

se alguém tivesse pisando em folhas secas. Ou não ouviram? Que coisa, hein, companheiro? Tive a impressão de que duas a três pessoas deixaram a casa. Mulher e crianças? Não, não atirem. É, não prestei atenção, tão atentado que fiquei no homem e a espingarda na janela. Não viram uma sombra contornando a casa? Contornou, saiu atrás da cerca de arame farpado, bem depois da paineira.

A mulher foi instruída para ficar longe da casa até que pudesse voltar. Ela e as crianças dormindo no mato, meu Deus. Até quando? Desaforo: escorraçados da própria terra como cães danados. E a fome? O medo cresce agudo entre eles que se abraçam, enovelam-se, mudos, gelados, e o silêncio pesando sobre suas costas.

Até que a madrugada se desmanchou num dia tão cinzento como chumbo, os homens que permaneciam quietos nos seus postos foram se aproximando. Alguns vieram armados, outros com estopa e galões de gasolina. Alcançaram os cômodos apertados da casa. Então, o posseiro atirou: primeiro nos que estavam mais perto, depois virou a espingarda para os outros. A resposta veio rápida e certa.

Benditas são as mulheres que aprenderam a chorar, gemeu. E ainda deu dois passos para frente e desabou no assoalho: o corpo vazado pelos tiros.

A mulher sabe que não adianta, mas gostaria de chorar. De lá, de trás da touceira de capim, ouviu o tiroteio, e podia ver ainda o novelo de fumaça saindo da encosta, ao redor a roça de milho, o gado magro. Veja. Tudo tem um fim. Ali por perto, só o cheiro suado e doce dos alecrins, a lamúria das crianças seguindo os seus passos pela trilha, já não precisava ter pressa. Então, gritou do fundo do peito: Malditas são as leis deste mundo.